

(Auto-)Retrato



Maria Arminda Lopes Pereira Santos

A vida é os dias que
nos lembramos

Dias após completar 80 anos, recebi o convite para fazer este retrato escrito da minha vida. Chegada a esta idade, pensei não ter estes trabalhos; sobretudo, acho-me muito pequenina entre as figuras de *Faces de Eva*. A minha filha influenciou-me a partilhar as minhas vivências e a organizar as notas que escrevo desde que participei no livro *Nós, Enfermeiras Paraquedistas*, publicado em 2014, que reuniu testemunhos de várias colegas na Guerra do Ultramar. Aceite o desafio, fica este relato lembrando pessoas que comigo foram fazendo esta “viagem”; muitas delas já desaparecidas (tragicamente algumas), por ser essa a lei inexorável da vida.

Nasci em 1937, em Setúbal, a mais nova de seis irmãos, mas apenas três sobreviveram para me acompanhar pela vida; o João (nascido vinte anos antes de mim), a Ivone e a Gracinda. Não me recordo da minha mãe, que faleceu com febre tifoide, tinha eu dois anos e meio. Nessa altura, a tia Maria do Rosário, sua irmã, veio para nossa casa orientar as nossas vidas, acabando por se casar com o meu pai e tornando-se uma verdadeira mãe. Faleceu quando eu tinha oito anos. Depois, tive várias mães, a minha irmã Gracinda, a minha cunhada Laura, vizinhas e empregadas. O meu pai trabalhava na *Mobil Oil*, fazia a distribuição de combustíveis no Alentejo, permanecendo em casa apenas no fim de semana.

Habitávamos no Bonfim, zona verdejante da cidade, com palmeiras, plátanos, mimosas e lodeiros, rodeada de quintas com abundantes pomares. Com os vizinhos formávamos uma grande família. Nas noites de verão, os adultos ficavam à porta a conversar, e nós a apanhar pirilampos que guardávamos em caixas de fósforos. Passava os dias a brincar livremente no campo, à macaca, pião, eixo, trinta e um, berlinde, e à bola, onde, à vez, era jogadora e massagista, uma “maria-rapaz”, alegre e traquina. Um dia, um dos miúdos mandou-me uma coleção de bandeirinhas dos países, uma forma de pedir namoro. Era o Álvaro, com quem vim a casar.

A minha infância foi vivida no decurso da II Guerra. Lembro-me de a minha irmã colar tiras de papel nas janelas e dizer que tínhamos de apagar a luz (dos candeeiros a petróleo) por causa dos aviões. Sentia medo e o meu pai sentava-me no colo, aconchegava-me no seu capote alentejano, contava ser um sobrevivente da outra guerra, para me afastar o receio. Quando a guerra terminou, ouvimos o anúncio na rádio e, com os outros garotos, corri com alegria a espalhar a boa nova.

Não havia infantários e, aos três anos, fiquei ao cuidado de uma mestra, com quem aprendi a ler e fazer contas. Tive uma boa instrução; quando ingressei na escola oficial fui diretamente para a segunda classe, e só não fiquei na terceira por ser demasiado jovem. Concluí a escolaridade obrigatória aos nove anos com distinção e o meu pai decidiu que eu não continuaria os estudos. Achava-se próximo da reforma e planeou voltar à sua aldeia para tratar das terras. Estava-me reservado acompanhá-lo, pelo que fiquei dedicada às tarefas domésticas.

Em outubro de 1951, o meu pai foi internado no Hospital dos Capuchos, em Lisboa, para ser operado a um tumor. Fui para casa da prima Gertrudes,

que vivia lá perto, e visitava-o diariamente para lhe levar melhores refeições. Na véspera de ser operado chovia muito, razão que levou a minha prima a impedir-me de o visitar, apesar da minha insistência. Faleceu nesse mesmo dia, 9 de novembro, por erro médico durante a transfusão prévia à operação. O funeral realizou-se a 14 de novembro, dia do meu 14.º aniversário. Foi um desgosto enorme que permanece vivo na minha memória, tal a emoção com que o senti.

Por ser menor de idade, a empresa do meu pai enviou a nossa casa uma assistente social, a Dra. Irene Aleixo. Por decisão unânime dos meus irmãos, o valor da pensão a atribuir seria usado para eu voltar a estudar. O meu irmão foi nomeado tutor e iniciou-se a procura de um colégio interno. No dia 2 de fevereiro de 1952, Dia da Senhora das Candeias, entro no colégio da Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo, em Lisboa. Chorei convulsivamente, depois de o João partir. Fui confortada pelas Irmãs e apresentada às colegas. Rapidamente fiz amigas.

Fui uma aluna aplicada, apesar de algumas diabruras que me valeram sérias reprimendas. Concluí, no primeiro ano letivo, o 1.º e o 2.º anos, para espanto de Irmãs e colegas. Era também uma desportista nata; jogava ténis, basquetebol, patinava e era a capitã da equipa de voleibol nos torneios entre escolas. Durante os anos que fiquei no colégio só vim a casa nas férias de Natal e Páscoa e nas férias grandes. Passava os fins de semana com as Irmãs, que nos levavam a visitar os pobres dos bairros próximos do colégio.

Foi necessário gerir bem o dinheiro para conseguir completar os estudos. A mensalidade, transferida da empresa do meu pai para as Irmãs, era uma fortuna na época, cerca de mil e duzentos escudos, fora o material escolar, o valor do enxoval que levei e os custos com as viagens nas férias. Quando os recursos findaram, as Irmãs conseguiram, através do Ministério da Assistência^[1], um subsídio que me permitiu fazer o curso de Enfermagem, além do fardamento e uma mensalidade de cem escudos para despesas pessoais.

A existência do ensino de Enfermagem em Lisboa deve-se à Irmã Eugénia, senhora brasileira, neta de portugueses, com grande visão e dinamismo que, juntamente com o Prof. Francisco Gentil, impulsionou a criação da Escola de Enfermagem de São Vicente de Paulo, que iniciou atividade a 14 de novembro de 1937 (data do meu nascimento).

1. Em 1950, foi criado o Ministério das Corporações e da Previdência Social. (Nota de Edição)

Em outubro de 1955, iniciei a primeira etapa do meu grande sonho, ser enfermeira, algo que vinha dos tempos de “massagista” e se acentuara nas visitas ao meu pai, no hospital. Fiz o curso com todo o empenho e tive a grande satisfação de ser uma das melhores alunas. Apresentei-me, em junho de 1958, na Escola Artur Ravara para prestar provas de Estado, tendo passado com a classificação de 18 valores (Muito Bom com distinção).

Optei por trabalhar no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, no Serviço de Patologia Médica. Comecei, em outubro de 1958, com doentes do sexo feminino e, passado um ano, fui nomeada subchefe, transitando para o piso destinado a doentes homens. Vivía no Lar das Enfermeiras do Hospital de Santa Maria, junto à Feira Popular.

Nesse período já namorava o Álvaro, que, em 1959, partira para a Índia no Serviço Militar Obrigatório. Regressou, em abril de 1961, no navio *Niassa*. Este mesmo navio partiria logo depois para Angola, com um contingente de militares mobilizado à pressa, após os ataques, um mês antes, por bandos armados com catanas a populações indefesas. No Santa Maria, o pessoal médico e os universitários andavam apreensivos com rumores de uma mobilização iminente.

Um dia por esta altura, a enfermeira Mascarenhas (Maria da Nazaré) perguntou-me: — Ouve lá, Lopes Pereira, eras capaz de largar tudo, de um dia para o outro, para ir para Angola tratar de feridos? — Respondi-lhe que sim, pelo que continuou: — Não contes a ninguém porque é segredo, mas a Madre Superiora da minha escola está a formar um grupo de onze enfermeiras para esse fim. Até já fizemos exames médicos, mas uma chumbou, e eu, sabendo que reúnes as condições exigidas, combinei com a Madre sondar a tua recetividade. — Aceitei de imediato.

A Nazaré, colega do Santa Maria, tinha conhecimento de um episódio ocorrido no meu segundo ano de curso, em 1957, quando comentei numa aula um filme passado na II Guerra sobre uma enfermeira da Força Aérea Inglesa. Notando o meu interesse, o professor referiu uma aluna, de outra escola de Enfermagem (Irmãs Missionárias de Maria), que tinha *brevê* de pilotagem e paraquedismo e deu-me o seu contacto. A aluna em questão era Isabel de Mello Rilvas (Isabelinha), a quem liguei no próprio dia e que se voluntariou a visitar o colégio para dar uma palestra sobre as suas experiências aéreas.

Em França, ela conhecera o grupo *Socorristas do Ar*, formado por médicas e enfermeiras paraquedistas que assistiam feridos em locais de

difícil acesso, e ambicionou trazer este projeto para Portugal. Apresentou-o ao tenente-coronel Kaúlza de Arriaga, de quem era amiga. A ideia foi considerada interessante, mas inviável. Agora, os ataques em Angola tornavam aqueles planos inadiáveis.

No dia seguinte à conversa com a Nazaré, fui chamada ao Serviço de Saúde da Força Aérea. Passei os testes médicos e marcaram testes psicofísicos para 5 de maio. Ao batismo de voo seguiram-se as duras provas que foram superadas por todas, mas, como fiquei em primeiro, passei a ocupar o primeiro lugar na formatura, de acordo com a norma militar. Os acontecimentos sucederam-se em avalanche: a despedida do serviço do Santa Maria; a comunicação da minha decisão à família; o início do curso intensivo a 6 de junho, que incluía instrução de paraquedismo, e a sua conclusão, a 2 de agosto, com o inesquecível primeiro salto.

A cerimónia das finalistas, a 8 de agosto, em que recebemos o *brevê* e a boina verde (símbolos do orgulho dos paraquedistas), foi noticiada pela imprensa escrita, rádio e televisão, que deram a conhecer “as seis Marias”; éramos as primeiras mulheres nas Forças Armadas Portuguesas.

Ainda nesse mês, no dia 22, realizei a primeira missão em Angola, acompanhada pela, também alferes, Maria Ivone. Tratava-se de testar a nossa adaptação operacional e avaliar a aceitação de mulheres no meio militar. Foram duas semanas muito intensas, em que participámos na operação aerotransportada de militares na Serra de Canda. Voltei a Angola, em outubro, com a Zulmira (que veio a ser madrinha da minha filha) e a Nazaré. Acompanhou-nos na viagem a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, a quem elevei as minhas preces para a vida que estava a iniciar.

Para trás ficara uma vida estável, tranquila, o ambiente de claustro das enfermarias hospitalares. A nossa prestação foi-se ajustando às necessidades; assistimos militares, civis e até o inimigo. O conflito intensificou-se, alastrou a outras frentes, houve necessidade de abrir mais cursos, nunca fomos suficientes. Além de Angola, estive em Carachi, Guiné e Moçambique, tendo como principais missões a evacuação de feridos dos cenários de guerrilha e o acompanhamento e tratamento de doentes a bordo dos aviões até aos hospitais de Lisboa. Foi-nos exigida grande capacidade de adaptação, não só pela ausência de planeamento logístico para militares mulheres, como pelo próprio clima e população que diferiam entre territórios. Valeu-nos a amizade de colegas e civis que nos acolheram e apoiaram.

Prestes a completar dez anos em comissão contínua de serviço, já tenente, passei voluntariamente à disponibilidade a 15 de dezembro de 1970. Em 25 de janeiro, comecei a trabalhar em Setúbal, nos Serviços Médico-sociais, com horários mais compatíveis com a futura condição de casada do que os Serviços Hospitalares, que preferia. Casei a 18 de abril e passei a morar no Bairro Santos Nicolau, onde foi inaugurado, em agosto do ano seguinte, o Posto Médico n.º 22, que integrei como Enfermeira-Chefe.

Em 1974, dá-se o 25 de Abril (a minha filha Ana tinha dois anos e o meu filho João estava a dois meses de nascer), que trouxe a esperança de liberdade e a possibilidade de cessarem as hostilidades no Ultramar. Passei por maus momentos quando me recusei a aderir à (primeira) greve dos enfermeiros. Apelidada de reacionária e fascista, sindicalistas e colegas quiseram o meu despedimento. Insultada, quase agredida, valeram-me algumas pessoas do bairro, a quem tinha ajudado em situações de necessidade.

Como a verdade e o reconhecimento vêm sempre ao de cima, fui depois nomeada para vários cargos no âmbito da criação do Serviço Nacional de Saúde, que se efetivou em 1979. Desde 1980 até 1 de maio de 1992, data em que me aposentei, não mais voltei ao exercício profissional como enfermeira, apenas desempenhei cargos técnicos e diretivos, o último como Vogal da Administração Regional dos Serviços de Saúde do Distrito de Setúbal.

Descrever em breves linhas os meus anos de aposentação deve-se à falta de espaço, porque o texto vai longo e não pela falta de episódios marcantes neste período da minha vida. Tinha 54 anos, vontade de ser prestável à comunidade e apoiar melhor os meus filhos. Na minha cidade, envolvi-me em várias Associações, como a Liga dos Amigos do Hospital de S. Bernardo, Associação de Paraquedistas, Soroptimist Internacional, as duas últimas como sócia-fundadora. Nestas quase três décadas, foi também necessário dedicar cuidados de saúde a familiares e amigos, e eu própria tive a minha dose de maleitas. Foi também tempo de comemorar: as conquistas académicas e profissionais dos filhos, o nascimento dos netos (Pedro, André, Filipe) e sobrinhos.

Continuo a ser uma mulher elétrica, ocupada com a família, as muitas Associações, as aulas de zumba e da Universidade Sénior, informada e atenta ao mundo, cabendo-me ocasionalmente, por ter sido a primeira enfermeira paraquedista, a tarefa honrosa de narrar como foi, para um grupo de 47 jovens mulheres, realizar uma missão de “Paz em Tempo de Guerra”.